



Dica de Larissa

Sabe aquela corzinha saudável no rosto sem pesar? Larissa consegue o efeito com o blush líquido Color Bloom, do e-commerce SheGlam (R\$ 27,95)

Nada básica

Pele de alta cobertura, traços megadefinidos, cores vibrantes e muito brilho são a cara da maquiagem de drag queen, movida à liberdade de criar e se expressar. Inclusive, muitas técnicas conhecidas hoje, como o contorno, têm origem nessas produções. Prova de que o “reboção” não se limita aos palcos, é que visuais icônicos, como os do clã Kardashian-Jenner, seguem os princípios das makes drag — um exemplo clássico são os lábios carnudos e preenchidos.

Gherald George Almeida, 28 anos, dá vida a Raykka Rica. O designer começou por influência do programa *RuPaul’s Drag Race*, um concurso coloridíssimo em que as concorrentes disputam o título de Drag Queen Superstar, que ele acom-

panhava fielmente. “Acredito que o reality tenha sido responsável por disseminar a cultura drag pelo mundo”, aponta. Ele já conhecia personagens drags da tevê, como a famosa Vera Verão, do programa *A Praça é Nossa*, mas *RuPaul’s* foi o primeiro contato que teve já com consciência da arte drag e transformista.

“Fui ficando cada vez mais curioso. Já conhecia algumas boates do estilo e decidi, finalmente, participar de uma oficina de iniciação drag. Fui reproduzindo e criando as técnicas para me montar e, hoje, vejo que me faz bem”, conta. À época, ele e oito rapazes se reuniram para começar no mundo drag, montando-se com figurino e makes extravagantes para performar.

O assunto maquiagem foi a primeira coisa que Gherald quis aprender e aprimorar e, até hoje,

é um dos favoritos. Ele define a maquiagem drag como pura arte, sem rótulos, sem padrões. “Temos drags barbadadas, outras que não seguem o padrão de make social.” O importante, para Gherald, é a possibilidade de compartilhar conhecimento no meio.

Meio, inclusive, que vem ressignificando o uso da maquiagem. Tendências do mundo da beleza vêm pegando carona na arte transformista e democratizando cores, brilho, estereótipos femininos reforçados e propostas chamativas. E isso em qualquer um! “Hoje, homens héteros se maquam, e enxergamos isso com normalidade, o que era improvável anos atrás. Várias técnicas também têm sido difundidas graças à arte drag. Veja que as cores já eram usadas nos anos 1980 e 1990, mas, agora, aparecem em makes glamourosas, com sombras trabalhadas e olhos elaborados”, observa.

Gherald gosta de reproduzir maquiagens, ficar por dentro de segredinhos, aprender de tudo um pouco. Mas não nega: algumas características marcam o próprio estilo: Raykka não é fã de uma estética tão feminina a ponto de o visual ficar romântico, aposta em muitas cores, capricha no contorno — gosta de realçar bastante o do nariz — e sempre aplica iluminador, principalmente acima das maçãs do rosto e abaixo da sobrancelha.

Para a vida, Raykka destaca que se maquiar é uma arte, sem certo ou errado. “De preparar a pele a passar um batom, tudo é uma experiência.” Sob essa perspectiva, ela entende que a make pode não ser apropriada para uma ou outra situação, mas isso não faz dela errada. “Prática também é tudo. Treine um pouco de cada técnica para conseguir fazer vários looks, de tudo um pouco. Assista a tutoriais, pegue dicas da internet e com outras pessoas. Treinando, você consegue exercitar melhor essa expressão artística”, indica.

Catherine Hill/Divulgação



Dica de Raykka Rica

Ela usa três tons de base para chegar ao tom perfeito — A cor natural, um tom mais claro para realce e um tom mais escuro para contornos. Depois, é só selar com pó.

Um dos truques de Raykka é usar cola em bastão para cobrir as sobrancelhas e, assim, fixá-las antes de desenhar com lápis, sombra ou gel. Não pode faltar: base líquida de alta cobertura Chill, da Catherine Hill (R\$ 59,90)

Gherald George Almeida capricha na make para dar vida a Raykka Rica



***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**